ENSINO / Professores do DF apresentam pesquisa na Universidade de Nápoles (Itália) durante congresso que discutiu o ensino e a aprendizagem de línguas

NOVA FORMA DE ENSINAR gramática

» AMANDA S. FEITOZA

Ensinar gramática não precisa ser sinônimo de decorar regras, classificar palavras e memorizar nomenclaturas. Uma pesquisa desenvolvida por professores da rede pública do Distrito Federal propõe mudar essa lógica: em vez de receber respostas prontas, os estudantes são incentivados a investigar a língua, formular hipóteses e compreender como as estruturas gramaticais constroem os sentidos de um texto. A experiência foi apresentada a pesquisadores de diferentes países durante um congresso internacional na Itália.

Os professores Moacir Junior e Mircéa Cândida apresentaram o trabalho na Universidade de Nápoles L'Orientale, durante o congresso Relate — Consciência Metalinguística, Tecnologia, Ensino e Aprendizagem de Línguas —, realizado entre 28 e 30 de outubro. A pesquisa analisou uma sequência didática sobre período simples, aplicada a turmas do segundo ano do ensino médio do Centro Educacional 104 do Recanto das Emas.

O estudo integra a Gramaticoteca, projeto desenvolvido desde 2017, em parceria com a professora Eloísa Pilati, da Universidade de Brasília (UnB). A iniciativa reúne recursos pedagógicos, materiais visuais e atividades que ajudam a tornar conceitos gramaticais mais concretos. Com eles, os alunos podem observar como as palavras se organizam e se relacionam nas frases, em vez de apenas decorar classificações.

A proposta segue os princípios da Aprendizagem Linguística Ativa (ALA). Em vez de receber regras prontas, os estudantes são incentivados a analisar exemplos, formular hipóteses e investigar o funcionamento da língua. O objetivo é desenvolver a capacidade de compreender como as escolhas gramaticais interferem na construção dos sentidos, inclusive na leitura e na produção de textos.

A metodologia também oferece ferramentas para o trabalho dos professores, que podem diversificar as atividades, estimular a participação dos alunos e identificar dificuldades durante o processo de aprendizagem.

Cedido ao Correio



Professores brasileiros presentes no encontro internacional na Itália

Cedido ao Correio



Moacir Junior e Mircéa Cândida durante apresentação do trabalho

Cedido ao Correio



Participantes do congresso internacional Relate, que reuniu pesquisadores brasileiros, italianos e portugueses

Acompanhamento

Outro destaque da apresentação na Itália foi o uso do Previa (Protocolo de Visualização da Aprendizagem), programa desenvolvido por Ana Carolina de Castro e Eloísa Pilati. A ferramenta permite acompanhar evidências do desenvolvimento dos estudantes, identificar avanços e perceber quais conteúdos precisam ser retomados.

Para Moacir, esse acompanhamento ajuda o professor a avaliar os resultados das atividades com base em dados, e não apenas em percepções. "Não levamos apenas uma proposta teórica ou um conjunto de atividades pedagógicas: apresentamos uma experiência desenvolvida em sala de aula, acompanhada por instrumentos que permitem analisar concretamente o percurso de aprendizagem dos estudantes", explicou, em entrevista ao **Correio**.

Segundo ele, o trabalho recebeu elogios, especialmente pela apresentação dos dados. O congresso também possibilitou conhecer pesquisas de outros países e discutir um desafio comum: superar práticas de ensino excessivamente baseadas na memorização de regras e classificações.

Escola pública

Para Moacir, apresentar uma pesquisa feita com estudantes da rede pública em um congresso internacional ajuda a questionar a ideia de que a escola é apenas um espaço de aplicação do conhecimento produzido nas universidades. "Existe uma percepção, muitas vezes equivocada, de que a escola pública é apenas o lugar onde o conhecimento produzido por outras instituições deve ser aplicado. Nossa experiência demonstra que essa relação pode e deve ser diferente", afirmou.

O professor ressalta que a produção de conhecimento também acontece nas salas de aula, onde docentes identificam dificuldades, testam metodologias e desenvolvem soluções para os desafios de aprendizagem.

A participação no congresso também foi uma forma de dar visibilidade a esse trabalho. "Foi uma forma de representar nossos colegas professores e mostrar que fazemos pesquisa, desenvolvemos tecnologias educacionais e participamos ativamente das discussões sobre os rumos da educação", destacou.

A expectativa é ampliar as possibilidades da Gramaticoteca, fortalecer parcerias e aprimorar as práticas desenvolvidas nas escolas. Para Moacir, a experiência reforça que a inovação educacional também nasce dentro das salas de aula, na relação cotidiana entre professores, estudantes e conhecimento.